

Chegando onde a injustiça está

A violência doméstica e familiar no Brasil não é nenhuma novidade. Trata-se de um fenômeno tão íntimo quanto o próprio ambiente que o perpetua em um trágico aprendizado social que passa de geração em geração

Daniela Grelin

9 de junho de 2020

PHOTO PREMIUM/FOLHAPRESS



Mulher carrega cartaz em manifestação no dia 8 de março na avenida Paulista

Certa vez, enquanto encarcerado em uma prisão em Birmingham, Alabama, por descumprimento à proibição a manifestações no estado, Martin Luther King Jr. escreveu uma resposta a uma carta aberta publicada por líderes religiosos que o criticavam pela desobediência civil. Criticado por seus métodos, ele justificou seu deslocamento de Atlanta até Birmingham, dizendo: “Basicamente, eu estou em Birmingham porque a injustiça está aqui.” Reconhecendo a interligação entre as pessoas, as instituições e os espaços, ele dizia que uma ameaça à justiça em algum lugar era uma ameaça à justiça em todos os lugares.

Um dos obstáculos mais persistentes ao fim da violência contra mulheres e meninas é justamente o fato de que ela frequentemente se oculta entre quatro paredes, nos espaços tidos como invioláveis, mas que tão frequentemente escondem graves violações. Considerado um problema de âmbito privado, muitas vezes escapa ao cuidado do poder público, ou ao olhar da sociedade. A

omissão torna-se mais fácil e desculpável aos olhos e ouvidos desatentos, especialmente quando o isolamento é a regra, por todas as boas razões que conhecemos.

Pensando em chegar onde a violência está, o Instituto Avon lançou nos últimos dias de abril um programa de apoio emergencial à mulher em situação de violência doméstica em meio à pandemia. O programa, fruto de uma parceria interinstitucional com 11 organizações, incluindo empresas, ONG's e setores do Governo, buscou incorporar elementos de exemplos bem-sucedidos de outros países que vivenciaram a pandemia antes do Brasil e incluiu um olhar holístico para as necessidades da mulher: materiais, psicológicas, jurídicas, sociais e fisiológicas.

O programa começa pela ampliação dos canais de denúncia, oferecendo à vítima três formatos de pedido de ajuda: via landing page (bit.ly/sozinhasnao), via chatbot (11 94494-2415) e via telefone (encaminhamento para o Ligue 180). A primeira etapa do atendimento busca realizar uma aferição do risco ao qual a vítima está exposta e, a partir daí, uma triagem de necessidades para o encaminhamento assertivo, seja para o apoio psicológico ou jurídico à distância, seja para um dos mais de 5.000 serviços de apoio à mulher em situação de violência mapeados pela ONG Mapa do Acolhimento - www.mapadoacolhimento.org – em todo o país.

Como registrado na Nota Técnica do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em março e abril de 2020, observou-se no Brasil um aumento de 22% nos registros de feminicídio, comparado ao mesmo período do ano anterior. As denúncias ao Ligue 180 cresceram 27% no mesmo período. Em meio a este momento crítico, o chatbot do programa 'Você Não Está Sozinha' atendeu 1.110 mulheres, entre as quais 402 eram casos graves de violência doméstica, situações em que a vida da mulher corre risco real e iminente. Dentre este grupo de mulheres, 739 tiveram seu atendimento concluído com sucesso.

A violência doméstica e familiar no Brasil não é nenhuma novidade. Trata-se de um fenômeno tão íntimo quanto o próprio ambiente que o perpetua em um trágico aprendizado social que passa de geração em geração. Mas o aumento da tensão dos últimos meses nos força a confrontar esta situação tão longamente ignorada. Acreditamos no potencial criativo deflagrado pela tensão da crise. Talvez seja este o momento em que nós, como sociedade, seremos irremediavelmente levados além da cegueira da omissão para o território promissor da corresponsabilidade e da cocriação.

Daniela Grelin

Diretora-executiva do Instituto Avon

<https://backup.forumseguranca.org.br/especial/template-1-editorial-utgfh-8pvmm-inbv9-8tbin-a49xh-8p623-m7siq-gffj5-pbz9d-58ukz-pn3o6-vj75r-xdc2f-4ydkp-d8a7c-396jn-pc9ux>

